

1

A Internet e sua relação com a linguagem na atualidade: algumas informações introdutórias

Objetivamos, com esse trabalho, apresentar um estudo dos processos de importação lexical do português que ocorrem por meio do uso da Internet. Por ser o inglês a língua de especialidade vinculada a essa área, o apontamos como fonte desses estrangeirismos, e mostramos que tal fenômeno acontece por causa de atividades cotidianas partilhadas entre interactantes que, por seu engajamento na realização de tais atividades, compõem exemplos de uma espécie particular de grupo que caracterizamos como *comunidades de prática*. Este trabalho, portanto, tem por objetivo responder à seguinte pergunta: as comunidades de prática que se formam em torno de tópicos específicos – no caso estudado, em torno de tópicos relativos à informática, em especial a Internet – são meios que favorecem o surgimento e a consolidação dos estrangeirismos? Este capítulo introdutório traz uma visão geral sobre a questão do empréstimo linguístico num viés sociopragmático – ambientando-a no contexto da Internet – e das práticas a ela relacionadas.

1.1

A informática e a vida social contemporânea

Com a revolução cibernética vivida globalmente a partir da década de 1980, e com a intensificação desse movimento nos anos 1990 e 2000, o mundo foi apresentado a um novo vocabulário que, em pouco menos de duas décadas, tornou-se usual e constante na vida daqueles que, de alguma forma, veem no computador uma multiferramenta, seja para trabalho, seja para comunicação, seja simplesmente como fonte de lazer. Ocorre que, por conta da origem norte-americana do advento e propagação da microcomputação no ocidente, os termos – palavras e expressões – relacionados a essa área, via de regra, se apresentam em língua inglesa. Raras são as exceções de países onde tais termos são vistos em língua materna, como é o caso de Portugal, que utiliza a forma “rato” no lugar de mouse, ou “sítio” em vez de site, por exemplo. Tal diferença pode ser explicada, talvez, por conta do purismo linguístico pregado nesse país, segundo alguns linguistas, fato que abordaremos mais adiante.

Dentro do universo da microcomputação, chama-nos especialmente a atenção a Internet. O crescimento progressivo e robusto do uso dessa ferramenta como meio de

comunicação, tanto em esfera interpessoal quanto na *mass media*, tem feito com que se ouçam expressões do tipo “você tá *leg* hoje, cara” ou, “tá *bugando*, o PC tá *bugando*”, ambas coletadas em entrevistas que serviram como ponto de partida para este trabalho em que analisamos o grau do uso de estrangeirismos na linguagem utilizada pelos falantes frequentadores de *lan houses*, espaços que acreditamos serem verdadeiras comunidades de prática.

Pretendemos, dentro de uma perspectiva sociolinguística, analisar de que forma se dão tais processos de incorporação lexical, entendendo que as práticas sociais vinculadas à veiculação de palavras estrangeiras devem ser vistas como fator preponderante para a realização desse fenômeno. Ao mesmo tempo, abordaremos o fato de que as transformações no léxico de uma língua estão também vinculadas a sua engrenagem gramatical, dissociando-se dessa questão a ideia de que léxico e gramática são categorias estanques, como diz Rio-Torto:

Com efeito, a reflexão levada a cabo pelas diferentes áreas e vias de especialização da linguística contemporânea tem dado a conhecer que léxico e gramática são como que duas faces da mesma realidade, contribuindo de forma complementar para a chamada competência léxico-gramatical dos falantes. (RIO-TORTO, 2006, p.01)

Ainda em Rio-Torto, temos a indicação de como trataremos em nosso trabalho o léxico:

O léxico é aqui encarado como uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais. A gramática compila as regras, as condições e as restrições que presidem ao funcionamento, aos diversos níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico), das unidades sígnicas, consideradas em frase e em texto. A competência léxico-gramatical caldeia, para cada signo, as informações relevantes e necessárias para o cabal desempenho discursivo-pragmático deste. (RIO-TORTO, 2006, p.02)

Entendemos, assim, que a incorporação de um novo elemento ao léxico de uma língua deve ser considerada em uma dinâmica dual, em que nem o lado gramatical é mais importante do que o lado sociocultural do fenômeno, nem vice-versa. Para tal, mostraremos como vem ocorrendo um processo sistematizado de transformação de substantivos do inglês em verbos da língua portuguesa dentro de determinadas comunidades de prática ou mesmo dentro de grupos que, embora não formem exatamente comunidades de prática, em alguns aspectos comportam-se como tal, através da utilização da informática. Em nosso trabalho, adotamos o termo *comunidade*

de prática para designar “grupos de pessoas que se reúnam em torno de um mesmo tópico ou interesse” (WENGER, 1971).

Analisaremos particularmente, dentro da coleção de verbos originários de substantivos ligados a essas práticas, as formas que se originam de *bug* e *print* como resultados de um processo de formação de palavras que, de fato, tiveram sua aceitação na língua, e cuja aceitação se mostra em diferentes níveis, sendo o mais contundente a sua transformação por meio de processos morfossintáticos que os fazem funcionar como verbos, a saber:

1. A alocação de desinências verbais nesses radicais;
2. A construção de expressões verbais por meio da adição do verbo de suporte “dar” à forma nominal dessas palavras.

Para demonstrar a familiaridade dos falantes com as palavras em questão e os diferentes modos de lidar com elas, gramaticalmente, foi realizada uma série de entrevistas, cuja íntegra se encontra em anexo. As análises dessas entrevistas mostram que, embora o tratamento gramatical dado por esses falantes aos novos vocábulos não sejam sempre os mesmos, é mantida a mesma significação destes, o que nos mostra a regularidade do processo de incorporação. Concomitantemente, será abordada a questão dos jogos de identidades nacionais presentes em processo que envolve mais de uma nação em esfera linguística e cultural, observada na relação de identificação ou rejeição entre falante e estrangeirismo, evidenciando que se trata de um fenômeno tanto linguístico quanto cultural.

1.2

A importância dos estudos linguísticos na área da informática

Os estudos da linguagem vivem, nos dias de hoje, uma era em que as transformações linguísticas constituem dados extremamente ricos para o entendimento das relações entre o homem e o desenvolvimento de sua espécie a partir da interação. Os processos interacionais entre indivíduos, organizações, povos e países são alvo de estudos cada vez mais minuciosos da sociolinguística e da pragmática, em que se observa cada processo de mudança linguística ocorrendo a partir de pequenos e constantes movimentos sociais, por meio dos quais os falantes trocam experiências, criam práticas comuns de cooperação mútua e estabelecem afinidade comunicativa em seu cotidiano.

A informática, como ferramenta que ganha a cada dia mais espaço em todas as áreas do conhecimento e do trabalho humanos, sendo, portanto, um bem comum partilhado por muitos dos falantes da contemporaneidade em nível mundial, não poderia deixar de receber, por parte dos que estudam a língua partindo de uma perspectiva social, bem como dos que estudam a sociedade, partindo de uma perspectiva linguística, seu devido lugar em meio aos objetos de estudo. Nesse contexto, a Internet deve ser vista como meio que possibilita o nascimento de novas formas de se comunicar, adequadas às necessidades de quem a usa, preservando o entendimento entre os interactantes. É por estarem no centro dos processos de globalização, definidos por Hall (2006:67) como “processos, atuantes numa escala global, que atravessam as fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo-espaço, tornando o mundo em realidade e em experiência mais interconectado”, que tais fenômenos devem ser tratados como material revelador a ser estudado pela área da sociolinguística.

Como o universo da informática divulga em larga escala a língua inglesa, é de vital importância que voltemos nossas atenções ao modo como tal idioma é recebido em países onde a língua materna não é essa. Devemos observar de que forma os termos originários do inglês são recebidos ou rejeitados, e, no caso de não serem rejeitados, é necessário que observemos os graus de aceitação de tais termos antes de, em um último momento, tornarem-se parte do acervo linguístico dos falantes desses países. Estudar estrangeirismos, seja de qual área forem suas origens, é algo que sempre atenderá a esse fim: o que está por trás da aceitação ou da rejeição de termos será, portanto, um dos pontos de vital importância na compreensão do fenômeno da formação das palavras ora analisadas, ratificando que o processo gramatical ao qual tais vocábulos se submetem está relacionado com questões de âmbito cultural.

Nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: no capítulo 2, a seguir, apresentamos um panorama sobre os estrangeirismos no Brasil, trazendo as constatações de estudiosos da área sobre o problema, e embasando nossa linha de raciocínio numa perspectiva histórica de análise das importações lexicais; no capítulo 3, explicamos como foi realizada nossa pesquisa, detalhando a metodologia utilizada na geração e no tratamento dos dados; o capítulo 4 traz a análise dos dados, pela qual buscamos confirmar a legitimidade das importações lexicais de *bug* e *print*, e a aceitação do surgimento dos neologismos *bugar* e *printar*, derivados destes; no capítulo 5, apresentamos os grupos que classificamos como *comunidades de prática*, pontuando

suas principais características e evidenciando sua importância no processo de consolidação dos vocábulos analisados no capítulo 4. Nossas conclusões se apresentam no capítulo 6. No anexo 1, trazemos o modelo de questionário adotado para a quantificação de reconhecimento dos verbos analisados e que serviram como parâmetro para seleção de entrevistados. No anexo 2, estão, na íntegra, as entrevistas citadas neste trabalho.